

*Liturgia Dominical*  
XXVI Domingo do tempo comum  
Filhos de Deus e irmãos de todos.

---

Pe. Valdenício Antonio da Silva

“Foi-te anunciado, ó homem, o que é bom, e o Senhor exige de ti: nada mais do que praticar o direito, de gostar do amor e caminhar humildemente com o teu Deus”. ( Mq 6,8) Estas são palavras que podem servir de uma espécie de resumo para a religião bíblica. Miquéias que se encontra entre os primeiros profetas de Judá, contemporâneo de Isaías, enumera um conjunto de valores primordiais para caracterizar a fé de um membro do povo de Deus.

A harmonia temática da Palavra de Deus faz que o espírito profético se manifeste no Evangelho de Lucas: “ fazei amigos com o dinheiro da iniquidade, a fim de que, no dia em que faltar, eles vos recebam nas tendas eternas” ( Lc 16,9). Poder-se-ia perguntar sobre a insiste necessidade de uso dos bens para o socorro do próximo como uma exigência tão forte. O patrimônio da fé Bíblica responde facilmente esta questão: “ Pai dos órfãos, justiceiro das viúvas, tal é Deus em sua santa morada; Deus dá uma casa aos solitários, livra os cativos”. (Sl 68,6-7) Este apego pelo bem-estar do sofredor é característico do Deus de Israel. Eis a razão da repreenda de Amós, na primeira leitura, apontando para desigualdade reinante na Samaria no tempo do seu maior esplendor político, sob o reinado de Jeroboão. Para Amós é sacrílego, diante de Deus, que alguns tenham muito e outros nada.

Na hierarquia dos valores expostos pela Bíblia a preocupação pelo próximo só não ocupa posição mais elevada que o amor a Deus. Ainda assim há uma interdependência entre os dois valores. A partir deste conceito, podemos perceberemos duas intenções no Evangelho: incitar-nos a priorizar o valor maior que é o próximo, naquilo que se refere ao uso do dinheiro e provocar uma reflexão que veja a conversão, proposta pelo reino de Deus, como um movimento em direção aos sofredores. Os sábios de Israel por ocasião da festa do Yom Kippur advertem que “quem prejudica seu próximo peca duas vezes: contra seu próximo e contra Deus cuja Torah violou”. Para se possibilitar o perdão deverá haver uma reconciliação com o irmão para haver perdão de Deus que quer de sua parte perdoar. Vejamos como texto do evangelho nos conduz a esta reflexão.

**“Havia um homem rico que se vestia de linho de púrpura e linho fino e cada dia se banqueteara com requinte. Um pobre, chamado Lázaro, jazia à porta, coberto de úlceras. Desejava saciar-se do que caía da mesa do rico mas ninguém lho dava e até os cães vinham lambe-lhe as úlceras. (16,19-21)**

A parábola faz uma apresentação das duas personagens. De um lado um homem possuidor de grande riqueza que é mal usada, sua abundância o reduz ao ato de comer e vestir. Vive em função de que possui. Isto é tão intenso que sequer o texto apresenta seu nome. Ele é capaz de ver apenas sua riqueza. Não enxerga, não toma conhecimento, o sofrido não existe para ele, sequer o vê.

Na rua, lançado ao chão, faminto, ferido, fraco ao ponto de não poder afastar os cães está Lázaro. Este nada tem. Absolutamente nada além de um nome: Lázaro que quer dizer: Deus ajuda, auxilia. Parece contraditório tal nome, levando em conta sua situação. Poder-se-ia dizer: onde está a ajuda de Deus? E a resposta seria: está nas mãos do rico! O deuterônomo prevê: “quando segares a messe da vossa terra, não segareis até o limite extremo do campo. Não respiraras a tua messe, não rebuscarás a tua vinha nem recolherás os frutos caídos do teu pomar. Tu deixarás para o pobre e para o estrangeiro. Eu sou o Senhor”. (Dt 19,9-10) Aquele que é o Senhor apresenta como instrução que o uso dos bens, por ele criado, chegue aquele que sofre pela fome. Porém o rico reteve consigo e sem ver o pobre festeja com os bens.

**Aconteceu que o pobre morreu e foi levado pelos anjos ao seio de Abraão. Morreu também o rico e foi sepultado. (16,22)**

O pobre tem agora a justificação do seu nome. Tem um lugar nos braços de Abraão é seu filho. “Tem um nome enunciado pelos lábios do Senhor”. O rico não tem um nome. Foi sepultado. A sepultura pode ser expressão de todo um funeral que visa dignificar sua posição. Mas seu fim é a terra.

**Na mansão dos mortos, em meio a tormentos, levantou os olhos e viu ao longe Abraão e Lázaro em seu seio. Então exclamou: “Pai Abraão, tem piedade de mim e manda que Lázaro molhe a ponta do dedo para me**

**refrescar a língua, pois estou torturado nestas chamas”. Abraão respondeu: “Filho, lembra-te de que recebeste teus bens durante tua vida, e Lázaro por sua vez os males; agora, porém, ele encontra aqui consolo e tu és atormentado. E além do mais, entre nós e vós existe um grande abismo, a fim de que aqueles que quiserem passar daqui para junto de vós não o possam, nem tampouco atravessem de lá até nós”.**

Agora se descortina, diante do leitor, que a parábola fala de dois filhos de Abraão. Mas o rico, embora reconheça que tem um Pai, se esquece que tem um irmão no sofrimento. O rico não se dirige a Lázaro, pois continua a ignorá-lo. Fala com Abraão e pede que **mande** Lázaro, como se este devesse servi-lo.

O rico não demonstra ter uma dificuldade em relação a Abraão, mas a Lázaro, mas nem em seu estado atual ele se dispõe a se reconciliar, mudar de postura, se converter. A situação do rico não é fruto de uma escolha divina, mas resultado de sua opção. A postura de distanciamento de Lázaro marca a distância com o “seio de Abraão”.

Aqui se revela o verdadeiro necessitado, talvez assim possamos entender o nome de Lázaro. O rico é o necessitado. O seio de Abraão seria seu refugio se tivesse visto seu irmão como um caminho de vida. “Se tivesse usado seus bens para fazer amigos”.

**Ele replicou: “Pai, eu te suplico, envia então Lázaro até à casa de meu pai, pois tenho cinco irmãos; que leve a eles se testemunho, para que não venham eles também para este lugar de tormentos”. Abraão, porém, respondeu: “Eles têm Moisés e os Profetas; que os ouçam”. Disse ele: “Não Pai Abraão, mas se alguém dentre os mortos for procurá-los, eles se arrependem”. Mas Abraão lhe disse: “Se não escutam nem a Moisés nem aos Profetas, mesmo que alguém ressuscite dos mortos, não se converterão”. (16,23-31)**

Por fim, o rico parece se solidarizar com os cinco irmãos, mas ainda desconhece Lázaro como irmão. Aqui aparece a idéia de um morto ressuscitar. Mas todo o valor da ressurreição está no reconhecimento da importância da fé. Aquele que rejeita a Palavra de Deus, representada por Moisés e os profetas, rejeitará todas as intervenções divinas, mesmo um ressuscitado. O conceito da ressurreição está voltado, na realidade não para Lázaro, mas para Jesus.

O número sete (cinco irmãos + o rico + Lázaro) pode ser referência ao fato de que a perfeição da vivência da vontade divina só se alcança quando nos dispomos a ser irmãos. Sete é o número da perfeição, não alcançada, pois o rico só reconheceu cinco irmãos. Seis é o número da imperfeição, do

humano, por escolha o rico quis viver somente os valores papáveis, poderíamos dizer, terrestres. Nas riquezas rejeitou os valores divinos relacionados à irmandade existente entre os homens.

*Oração: Deus de Abraão, de Issac e de Jacó. Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo. "Dai-nos olhos para ver as necessidades e os sofrimentos de nossos irmãos e irmãs; inspirai-nos palavras e ações para confortar os desanimados e oprimidos". Amém.*

Amós 8,4-7 Salmo 112 1Timóteo 2,1-8 Lucas 16,1-13
---